

**O CONCEITO DE INTERDISCURSO
NA PROPAGANDA DA “OPERAÇÃO LEI SECA”**

Camila Antonia da Silva Santos (UERJ)
mila.antonio@yahoo.com.br

Antonio José dos Santos Junior (UERJ)
antoniusjose@yahoo.com.br

1. Introdução

O presente trabalho visa discutir o fenômeno da interdiscursividade presente em slogans inspirados na “Operação Lei Seca”, analisando seu uso.

Para fazê-lo, recorreremos a diversos autores renomados como Bakhtin, Fiorin, Foucault, Orlandi e Santos Junior, com sua dissertação de mestrado sobre “A indeterminação sujeito em português”.

Importa observar que todo texto é um interdiscurso; porém, o cruzamento dos textos só é possível de ser verificado se o indivíduo tiver leitura que dê suporte a isso; caso contrário, não será observado.

Como afirma Fiorin, mesmo que o leitor não identifique o interdiscurso, vai entendê-lo. Contudo, no momento que conseguir relacionar os textos, sua compreensão e reflexão vão ampliar.

A interdiscursividade faz com que o discurso torne-se mais convincente, pois ao se referir a outros discursos, o enunciador recorre a outros saberes, o que lhe dá argumentos para persuadir seu enunciatário e provocar uma adesão efetiva.

2. Perspectiva teórica

O conceito de dialogismo de Bakhtin consiste, basicamente, nos discursos que pressupõem o ‘diálogo’ entre sujeitos discursivos, sejam num gênero primário, que são aqueles do cotidiano, ou secundário, aqueles dos sistemas ideologicamente constituídos. Além de acolherem uma diversidade muito ampla de manifestações de outros discursos. Ou seja, o discurso do “outro perpassa, atravessa, condiciona o discurso do eu” (FIORIN, 1999, p. 29). Assim temos a presença do “tu” no discurso do “eu”.

O pressuposto de Bakhtin consiste em um discurso se entrelaçar com outros discursos existentes, uma vez que não há um discurso inicial, pois ninguém é um Adão mítico (essa alusão dá-se pelo fato de ser Adão, segundo a mitologia judaico-cristã, o primeiro homem da terra; logo, ele não teria sofrido influência de outro discurso). Essa relação dos enunciados com presença de diversas vozes é chamada de “polifonia”. Nas palavras de Santos Junior (2010, p. 91):

“O ato de falar é sobretudo um ato de repetir” (cf. AZEREDO). Não há, como diz Bakhtin, um discurso totalmente inovador, totalmente original; tal discurso, conforme Bakhtin, só seria atribuível ao Adão mítico (no mito bíblico, Adão seria o primeiro homem, não tendo recebido de nenhum outro ser humano “contribuições” para seu discurso).

A polifonia faz-se presente em todos os discursos. Todo discurso é, por assim dizer, uma sorte de resposta a outros discursos proferidos alhures por outrem. Quando alguém diz “O Brasil é uma nação sem personalidade”, está posicionando-se contra uma voz que teria dito “O Brasil é uma nação com personalidade”.

O conceito de interdiscurso nas obras de Bakhtin aparece sob o nome de dialogismo. Porém, é oportuno afastar leituras distorcidas em relação a esse termo. Para Fiorin (2006), o dialogismo não equivale ao diálogo no sentido de interação face a face, como também não existe dialogismo entre interlocutores, esse é sempre entre discursos: o do locutor e do interlocutor. Deve-se a Bakhtin, a concepção do discurso como essencialmente dialógico. Para ele, a comunicação só existe na troca dialógica entre o meu e do outro.

Ainda segundo Santos Junior (2010, p. 97):

O conceito de dialogismo mostra-se com toda a sua força em Bakhtin. Um enunciado nunca é totalmente original. Só o “Adão mítico” teria tido um discurso totalmente autêntico. Nós outros, seres não míticos, concretos, que interagimos, desde o nosso aparecimento até nossa extinção, com outros homens, temos nossos atos concretos de linguagem, nos enunciados baseados em *enunciados já produzidos e por serem produzidos*.

Para Foucault, a formação discursiva é um conjunto de enunciados em que ocorre certa regularidade, ocorrendo regras históricas, como condições para que dadas formações existam ou desapareçam. Sendo assim, podemos concluir que a formação discursiva é heterogênea.

Uma formação discursiva não deve ser considerada como um objeto estático, de fronteiras rígidas e impermeáveis. O discurso, ao ser organizado por uma formação discursiva, também se abre ao exterior dis-

curso, passível de promover a migração de saberes de um lugar para outro.

Uma das contribuições do conceito de formação discursiva é o fenômeno interdiscursividade. “A interdiscursividade é o processo em que se incorporam percursos temáticos e/ou percursos figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outro” (FIORIN, 1999, p. 32).

É importante ressaltar que a interdiscursividade não implica a intertextualidade, mas o contrário é imprescindível, visto que ao se referir a outro texto, o enunciador também se refere às ideias contidas e que se manifestam nesse mesmo texto. Assim, podemos dizer que a interdiscursividade é inerente à construção de um discurso, visto que não há “discurso primeiro” e “irrepetível”, o que o torna social.

O conceito de interdiscurso foi abordado por Eni Orlandi da seguinte forma: “O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido” (ORLANDI, 1992, p. 89). O dizível refere-se ao já dito, exterior àquele que a pronuncia, apresentando-se como um conjunto de discursos na memória.

Observa-se que a noção de interdiscurso é essencial para o efeito de sentido. A relação de interdiscursividade está no sentido de que o dizer do outro, está no dizer do eu.

3. *De teoria à prática: A interdiscursividade na “Operação Lei Seca”*

Considerando o fenômeno da interdiscursividade, ela pode ser ilustrada pelo exemplo da “Operação Lei Seca”, que tem o objetivo de reduzir os acidentes de trânsito provocados pela “mistura de álcool e direção”.

Podemos observar que o termo “Operação Lei Seca” é polifônico. “Lei seca” nos remete há uma lei eleitoral que proíbe o consumo e venda de bebida alcoólica nas vésperas das eleições. Já o termo “operação” pode remeter a uma operação policial.

A ONG Trânsito Amigo formulou o programa “Operação Lei Seca – Eu apoio”, que teve grande repercussão. Vários automóveis circulam nas ruas com o adesivo com o slogan da campanha.

**OPERAÇÃO
LEI SECA
EU APOIO**

A partir desse slogan, surgiram outros que o complementam como a “Operação Lei Seca – Vá de táxi”, que os adesivos são vistos em táxis, “Operação Lei Seca – Vá de ônibus”, que é vista em ônibus, “Operação Lei Seca- Vá de trem” visto nos trens. Todos dialogam uns com os outros e apoiam a “Operação Lei Seca”



Contudo, podemos observar uma diferença no modo de apoio à campanha. Segundo Santos Junior (2010, p. 98),

Não obstante, apesar da convergência quanto o apoio à “Operação Lei Seca”, surgem sutis divergências na forma de apoiar a operação. O primeiro caso citado (cartaz da ONG em carros de passeio) manifesta seu apoio à operação. É como se o motorista do carro em que está colado o adesivo (ou seu proprietário) assumisse uma postura ativa pró-Operação. Já os meios de transporte (ônibus, trem e táxi) deixam implícito seu apoio, apontando como uma solução para a interdição de dirigir após o consumo de álcool os seus serviços.

Outra interdiscursividade na “Operação Lei Seca” corresponde às outras campanhas que se formaram a partir dela, mas com outros temas. A primeira a listar é a “Operação Asfalto Liso”, traz seus caracteres dispostos da mesma forma que a outra campanha.

**OPERAÇÃO
ASFALTO
LISO
EU APOIO**

asfaltoliso.com.br

O slogan dialoga com a Lei Seca na forma de crítica as autoridades, para que não só puna quem dirija alcoolizado, mas também, melho- res as condições de nossas estradas.

Temos então, o que Bakhtin define como discurso bivocal, em que duas vozes se misturam, mas podemos distingui-la. De um lado temos os que apoiam a Lei Seca, de outro, temos aqueles que acham que antes das autoridades fiscalizarem aqueles que bebem e dirigem, deveriam ver as condições de nossas estradas. Santos Junior (2010, p. 98), as- severa que

O apoio [à Operação Lei Seca] é, no dizer bakhtiniano (cf. FIORIN, 2006), um discurso centrípeto. Todo discurso se estabelece no seio da sociedade; ora, como ela é composta por jogos de poder, por relações de poder entre “classes” e membros, há uma hierarquia nela. Todo discurso que se pretenda centralizador, unificador, conformador, está permeado dessas forças centrípetas. Da mesma forma, todo o discurso que se rebela, que questiona de alguma forma o poder dominante, que põe em xeque a opinião da maioria, que segue por caminhos outros que não os “oficiais” está permeado de uma força centrífuga.

Não é difícil perceber que o discurso da “Operação Asfalto Liso” é centrífugo, nitidamente, ao passo que os discursos em apoio à “Operação Lei Seca” são centrípetos (Cf. SANTOS JUNIOR, p. 98-99)

Observa-se, também, a persuasão da campanha, em que se colocam deficientes físicos para ilustrar a campanha, como forma de demonstrar o que pode acarretar a ingestão do álcool, como podemos ver na figura abaixo:



As campanhas do mesmo molde da Lei Seca viraram uma “febre”; dessa sorte, listamos as principais, expondo-as abaixo.

**OPERAÇÃO
SEGURANÇA
NAS RUAS**
EU APOIO

A “Operação Segurança nas Ruas” segue o modelo da Lei Seca, e protesta contra a falta de segurança.

**OPERAÇÃO
CORREIOS
SEM FURTO**
EU APOIO

Ultimamente, ocorrem grandes desvios de correspondências. Na mídia saiu uma notícia de um carteiro que foi pego queimando correspondências. Diante desses fatos, a população faz sua crítica por meio da campanha “Operação Correios sem furto”, esperando que as autoridades tomem providências.

**OPERAÇÃO
LARGA
O AÇO**
 **CAVEIRA NELES** **EU APOIO**

Nessa campanha temos uma apologia ao Bope. Isso é perceptível pelo símbolo que consta no cartaz e pelo termo “caveiras”, apelido dos membros do Bope. Outra interdiscursividade presente nessa campanha, além da Lei Seca, é o discurso do apresentador Wagner Montes, que fez os bordões “larga o aço” e “pra cima deles”, os quais foram utilizados, porém com uma adaptação para “Caveiras neles”.



Na época das eleições, o grupo da direita, que não apoiavam a então candidata Dilma, fizera o slogan contra sua candidatura a presidência. Temos implicitamente um possível apoio a outro candidato.



Em relação polêmica com o slogan anterior, temos aqui o apoio à candidatura da Dilma.



A “Operação Vote Nulo” utiliza a mesma temática que os dois exemplos anteriores: a política. Então temos duas interdiscursividades, uma dialoga com a “Operação Lei Seca”, outra com a “Operação Dilma Não” e “Operação Dilma Sim”. As pessoas que utilizaram esses adesivos não apoiam a Dilma, nem outro candidato; provavelmente não acha nenhum competente para a presidência e por isso, apoia o voto nulo.

OPERAÇÃO
JESUS CRISTO
EU APOIO

Grupos religiosos também aderiram à campanha e modificaram-na de forma que chamasse a atenção das pessoas para a religiosidade. Assim temos “Operação Jesus Cristo” e “Operação Santidade ao Senhor”

OPERAÇÃO
SANTIDADE
AO SENHOR
EU APOIO

Também podemos perceber nos automóveis, usos satíros, de todo tipo como no exemplo abaixo “Operação Sexo todo dia- Eu apoio”

OPERAÇÃO
SEXO TODO
DIA
EU APOIO

Durante o carnaval deste ano, foi comum ver não só adesivos como também camisas com o slogan “Carnaval sem Freio – Eu apoio”. Utilizando interdiscursividade com a música “Tô sem freio”. Refere-se à falta de controle, livre de freios morais.

CARNAVAL
SEM
FREIO
EU APOIO

Diante de partidas julgadas injustas, torcedores do botafogo, re-produziram o slogan como crítico aos árbitros de futebol.

**OPERAÇÃO UM DIA SEM
ROUBAR
O BOTAFOGO
EU APOIO**

blogdopeguima.blogspot.com

A “Operação Desgrude” refere-se ao desapego em relacionamen-to. O grupo que defende essa ideia almeja uma relação com mais liberda-de.

**OPERAÇÃO
DESGRUDE
EU APOIO**

Em oposição ao slogan acima, criou-se “Operação namorados”, que buscam uma relação mais séria.

**OPERAÇÃO
NAMORADOS
EU APOIO**



Uma campanha que tem gerado muita repercussão, principalmen-te em sítios de relacionamento é a “Operação respeito ao professor”. Di-ante de baixos salários, péssimas condições de trabalho (inclua-se ai o

assédio moral), grande responsabilidade entre outros fatores; professores fizeram essa campanha, que foi abraçada por alunos e outras pessoas sensíveis à causa.

**OPERAÇÃO
RESPEITO AO
PROFESSOR
EU APOIO**

A “Operação Tolerância Zero” foi gerada pelas notícias de corrupção de policiais. O termo “tolerância zero” (rigor máximo nas ações policiais e do Estado, coibindo os grandes e os pequenos desrespeitos à lei) tem sido utilizado como um bordão por um comediante do programa “Zorra Total”, sendo reproduzido no slogan como forma de que o suborno é algo inaceitável.

**OPERAÇÃO
TOLERÂNCIA ZERO
EU APOIO**



SUBORNO É CRIME!

O último exemplo relatado nesse trabalho tem ainda grande repercussão atualmente. A “Operação Fora Cabral” é uma crítica ao governador do Estado do Rio de Janeiro. A população, frente a tantos descasos e desmandos, principalmente com nossos queridos Bombeiros, que foram insultados por ele, indignou-se e fez o slogan como protesto a seu governo.

**OPERAÇÃO
FORA CABRAL
EU APOIO**

Todos os exemplos relatados inspiraram-se na “Operação Lei Se-ca”, e alguns apresentam outras interdiscursividades individuais. Todos seguem o mesmo modelo e a ideia de defesa de uma causa que apoiam.

Considerações finais

Após a análise dos slogans verificou-se a presença da interdiscursividade numa relação dialógica entre textos. Percebe-se que todo texto é um interdiscurso só depende de um interlocutor.

Perissé (2005, p. 12), diz: “[...] cada leitor recontextualiza o texto que lê.” E nesse processo que ocorre o interdiscurso e apagam-se os limites dos intertextos.

O (inter) texto depende de um autor e de um leitor para dar sua existência enquanto obra e a possibilidades de desdobramentos. Desde forma, um texto não está pronto, mas está sempre a espera de uma nova leitura e uma nova enunciação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.
- BARROS, D. L. P. de, FIORIN, L. *Polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- ORLANDI, Eni. *Discurso e leitura*. 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1999.
- PERISSÉ, G. *Elogio da leitura*. Barueri:: Manoele, 2005.
- SANTOS JÚNIOR, Antonio José dos. *A indeterminação do sujeito em português: do verbo ao discurso*. Dissertação de mestrado, UERJ, Rio de Janeiro, 2010, 250 f.